

# Companhia Pescarias do Algarve investe 1,5 milhões em unidade de congelação de berbigão e mexilhão

TERESA SILVEIRA  
teresasilveira@vidaeconomica.pt

Depois de obtido o selo azul da certificação internacional para pesca ambientalmente sustentável pela Marine Stewardship Council (MSC), a Companhia Pescarias do Algarve (CPA), que detém os direitos de exploração de zonas do 'off-shore' de aquacultura da Armona, no Algarve, vai investir 1,5 milhões de euros numa unidade industrial de congelação de berbigão e mexilhão. E ainda vai injetar 150 mil euros na atual fábrica, em Olhão, em novas linhas de produção aptas a embalar 2500 quilos de bivalves por hora, com isso duplicando a capacidade de fornecimento aos seus clientes. António Farinha, CEO da empresa, revelou à "Vida Económica" que querem ser, dentro de três/quatro anos, "um dos maiores operadores de bivalves a nível europeu".

Após "um ano à espera de obter a concessão da Docapesca", as obras da nova unidade de congelação, contígua à atual, arrancam este mês para que, uma vez pronta a operar, possa ganhar capacidade de congelar até 50 toneladas por dia.

A empresa não deverá, contudo, formalizar qualquer candidatura ao PROMAR ou ao MAR 2020, os programas operacionais (o ainda em execução e o que vigorará até 2020, respetivamente) para as pescas e economia do mar. Não é que esses apoios europeus não lhe fossem úteis - "davam um jeito", admite António Farinha -, mas porque "os processos e burocracias por que têm de passar" o fazem desistir de tal intento. Não falando já noutras



António Farinha, CEO da Companhia Pescarias do Algarve.



Barco de captura de mexilhão em aquacultura 'off-shore'.

situações idênticas por que já teve de passar com outros investimentos e que o dissuadem de repetir aquela experiência.

"Tenho pedidos de pagamento de maio e de novembro de 2014 no valor de dois milhões de euros por receber", frisa António Farinha à "Vida Económica", garantindo que "não há razão nenhuma" para essa falta de pagamento. O Ministério da Agricultura e Mar "não paga, mas também não diz por que não paga, não se compreende", lamenta o empresário.

## Nove milhões de euros em estruturas 'off-shore' no Atlântico

Para além disso, a empresa também passou por uma má experiência aquando da construção da atual fábrica de Olhão. A unidade foi inaugurada pelo então ministro da Agricultura António Serrano, em 17 de janeiro de 2011, mas teve de estar "fechada e inoperacional durante 21 meses até à obtenção de licenciamento". Isto porque "o ex-IPTM [Instituto Portuário e dos Transportes Marítimos] não dispunha, na altura, de 25 mil euros para abrir um concurso público para as obras de ligação da rede de saneamento do porto à rede de saneamento básico de Olhão". A isto somavam-se ainda "condições leoninas de concessão exigidas à CPA pela Docapesca", que envolviam "três garantias, 2,99 euros por m<sup>2</sup> e 2% dos resultados líquidos a partir do 6º ano", como havia explicado António Farinha à "Vida Económica" em julho de 2014.

Hoje, ultrapassados estes obstáculos, o empre-

sário orgulha-se de ali ter investido 1,3 milhões de euros, mais perto de nove milhões em várias estruturas 'off-shore' de aquacultura de mexilhão, na Armona, no Algarve, que a "Vida Económica" visitou, e de dar emprego a perto de 30 pessoas. Do trabalho de todos saem diariamente os camiões carregados de mexilhões, ostras e vieiros para o canal horeca e para toda a distribuição moderna de Norte a Sul do país.

## Vendas dos patés Fides crescem 100%

A par do negócio operado na CPA, o grupo comprou em 2013 a Molushore, empresa de cultivo de moluscos marinhos. E, em 2014, adquiriu duas empresas: a Barra das Conchas, de produção, captura, comercialização e tratamento industrial de peixes, moluscos, bivalves e mariscos, e a conserveira Faropeixe, na zona industrial de Olhão, conhecida pelos patés e conservas Fides.

Durante uma visita à fábrica, Jorge Farinha, administrador e filho do CEO da CPA, explicou à "Vida Económica" que ali processam diariamente cerca de uma tonelada de pescado (sardinhas, cavalas, atum, berbigão e salmão fumado) e que estão a "renovar o posicionamento da marca Fides no mercado". Mudanças na rotulagem e embalagem, o lançamento dos patés de cavala e de salmão fumado no mercado e a contratação de um novo comercial fazem parte dessa estratégia.

A empresa faturou 1,2 milhões em 2014, emprega 26 trabalhadores e exporta cerca de 10% da produção para Espanha, França, Bélgica, EUA e, a breve prazo, "talvez para o Japão e Angola". Um recente contrato firmado para abastecer as lojas Lydl Portugal traz à Faropeixe novos desafios. "Temos previsão de crescimento de 100%", revelou Jorge Farinha à "Vida Económica".